



INFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA FILOSOFIA DE MARTIN BUBER: A QUESTÃO DO HASSIDISMO E DE ALGUMAS CORRENTES FILOSÓFICAS

GREICE SANSÃO ARALDI¹

TIAGO NEGRI²

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar as influências e divergências na filosofia de Martin Buber, a questão do hassidismo e de algumas correntes filosóficas. O filósofo austríaco-judeu se incumbe de uma incessante busca pela compreensão do ser humano enquanto *ser-de-relação* e *em-relação*. Ocorre que, para edificar seu pensamento, Buber valeu-se tanto de influências do hassidismo quanto de influências oriundas de Kierkegaard e Feuerbach, e estabeleceu divergências teóricas com Kant e Hegel. A fim de levar a cabo, o entendimento do Eu-Tu, *humano-e-humano*. Por certo, compreender as influências e divergências no pensamento buberiano permite tanto situar seu pensamento dentro da história da filosofia quanto observar a originalidade e profundidade de suas ideias.

Palavras-chave: Martin Buber. Influências. Divergências. Hassidismo. Filosofia.

1 Graduada em Filosofia pela Faculdade São Luiz (FSL), Brusque-SC e pós-graduada em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

2 Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz (FSL). Atualmente, cursa Licenciatura em Filosofia e Pós-graduação em Docência no Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICV)

ABSTRACT

The present article aims to present the influences and divergences in Martin Buber's philosophy, addressing the question of Hasidism and certain philosophical currents. The Austrian-Jewish philosopher undertakes a relentless search for the understanding of the human being as a being-of-relation and in-relation. To build his thought, Buber drew on influences from Hasidism as well as from Kierkegaard and Feuerbach, and established theoretical divergences with Kant and Hegel, in order to achieve the understanding of the I-Thou, human-and-human. Certainly, understanding the influences and divergences in Buberian thought allows us both to situate his thinking within the history of philosophy and to observe the originality and depth of his ideas.

Keywords: Martin Buber. Influences. Divergences. Hasidism. Philosophy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta as influências e divergências na filosofia de Martin Buber, a questão do hassidismo e de algumas correntes filosóficas. No labor buberiano, observa-se a complexidade intelectual que abrange a filosofia, teologia, literatura e o misticismo. Buber foi influenciado por uma gama de intelectuais, tanto do movimento hassídico quanto da filosofia. Nesse sentido, examinar essas influências e divergências propicia compreender como Buber edificou, transformou e rejeitou certos elementos para desenvolver seu próprio pensamento.

O hassidismo, com seu misticismo e ênfase na experiência espiritual direta, teve uma influência profunda em Buber. O filósofo incorporou elementos do misticismo judaico em sua filosofia, especialmente no que diz respeito à presença de Deus nas relações humanas e na vida cotidiana. Buber reinterpretou tradições religiosas para responder às necessidades espirituais e existenciais de sua época.

As divergências de Buber com Kant e Hegel, revelam os pontos de tensão e sua contraposição em relação à filosofia idealista. Além disso, é possível identificar como Buber se apropriou dessas perspectivas para articulá-las em seu pensamento e promover novos caminhos para a questão do ser humano enquanto *ser-de-relação* e *em-relação*. As divergências esclarecem as razões pelas quais Buber rejeitou certas ideias e como defendeu, posteriormente, a importância do encontro autêntico e do diálogo genuíno³.

Por certo, as influências filosóficas, como Kierkegaard, Feuerbach e Nietzsche são esmiuçadas. Em relação à Kierkegaard, o foco está na individualidade,

3 O conceito de encontro autêntico e diálogo não são aprofundados no presente estudo.

subjetividade, existência e a relação com o divino. Com Feuerbach, a importância dos estudos iniciais sobre a questão do Eu-Tu, a crítica à religião e a visão humanista. As influências filosóficas, provaram-se como um verdadeiro desafio, significativo às ideias filosóficas de Buber.

Tal discussão mostra-se importante não somente para o campo da filosofia, mas para teologia, psicologia e pedagogia. Visto que, o pensamento buberiano oferece condições de interdisciplinaridade conceitual. A filosofia de Buber continua a ser relevante hoje, especialmente no contexto da relação e do diálogo entre seres humanos. Por fim, o presente estudo permite traçar a evolução de suas ideias e seu impacto duradouro na filosofia e na teologia contemporânea.

INFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DO HASSIDISMO E DE ALGUMAS CORRENTES FILOSÓFICAS

BIOGRAFIA CONTEXTUAL

Martin Mordechai Buber (1878-1965) foi um destacado filósofo, teólogo e escritor austríaco-judeu, cujo trabalho acadêmico teve um impacto significativo em várias disciplinas, incluindo filosofia, teologia e estudos religiosos (Cf. Zuben, 2003, p. 11). “Sua biografia acadêmica é marcada por uma busca incessante pela compreensão do ser humano, das relações interpessoais e da espiritualidade” (Carvalho, 2017, p. 13).

O filósofo estudou filosofia, psicologia e literatura em renomadas universidades europeias, como Viena, Berlim e Zurique. Sua formação acadêmica abrangeu diversas correntes de pensamento, desde o idealismo alemão até o misticismo judaico (Cf. Parreira, 2017, p. 12). A ampla base acadêmica influenciou suas perspectivas filosóficas e teológicas e lhe conferiu um fazer filosófico único.

Buber produziu uma série de obras, ao longo de sua carreira, que exploraram temas centrais, como a natureza do relacionamento humano, a ética, a religião e a experiência mística. Destacou-se pela ênfase na importância do diálogo autêntico e do encontro genuíno entre os seres humanos como fundamento para uma existência plena e significativa (Cf. Parreira, 2017, p. 13).

Uma de suas obras mais conhecidas, “Eu e Tu” de 1923, introduziu o conceito do relacionamento dialógico entre o Eu e o Outro (Cf. Zuben, 2003, p. 14). Nessa obra, Buber argumentou que o encontro autêntico, baseado na reciprocidade e no reconhecimento mútuo, é a essência da vida verdadeiramente humana. Esse trabalho influenciou amplamente a filosofia contemporânea, especialmente nas áreas da fenomenologia e da hermenêutica (Cf. Bartholo, 2006, 16).

Além de sua influência filosófica, Buber também desempenhou um papel significativo na teologia judaica moderna. “Ele explorou questões relacionadas à fé, à tradição religiosa e ao relacionamento entre Deus e a humanidade” (Zuben, 2003, p. 23). Sua perspectiva teológica enfatizou a importância da experiência pessoal e do compromisso ético no contexto da religião.

Por certo, a biografia acadêmica de Martin Buber é caracterizada por uma atuação multifacetada. Além de seus escritos, o filósofo lecionou em várias instituições acadêmicas, incluindo as universidades de Frankfurt e Jerusalém (Cf. Zuben, 2003, p. 10). Segundo Bartholo (2006, p. 18), “sua abordagem interdisciplinar e seu compromisso com o diálogo inter-religioso influenciaram uma ampla gama de acadêmicos e teólogos em todo o mundo”.

O legado acadêmico do filósofo é reconhecido por sua capacidade de unir a filosofia, a teologia e a experiência humana em uma síntese profunda e inspiradora. “Buber não apenas mergulhou nas questões filosóficas e teológicas, mas também se envolveu com as complexidades da vida cotidiana e da experiência humana na sociedade” (Zuben, 2003, p. 25).

Sua busca incansável por compreensão, diálogo e responsabilidade ética continua a influenciar e a desafiar pensadores e estudiosos a explorar novas formas de compreender e enfrentar os desafios da existência humana. Portanto, o pensamento de Martin Buber perdura como uma fonte de inspiração e reflexão para os estudiosos contemporâneos que buscam uma visão integral, ética e dialogal para a compreensão do ser humano, da espiritualidade e da interação social.

A QUESTÃO DO HASSIDISMO

No pensamento buberiano, o hassidismo é conceituado como uma importante fonte de inspiração e influência para sua filosofia e visão de mundo (Meca 2000, p. 34). “Buber se aprofundou no estudo e na compreensão do hassidismo, um movimento dentro do judaísmo que emergiu no século XVIII, principalmente nas comunidades judaicas da Europa Oriental” (Daher; Pfeffer, 2008, p. 8).

Para Buber, o hassidismo representava uma abordagem espiritual e mística que enfatizava a busca de uma conexão íntima e pessoal com o divino. O hassidismo buscava transcender as barreiras convencionais entre o sagrado e o profano, enfatizando a presença divina em todos os aspectos da vida (Cf. Daher; Pfeffer, 2008, p. 8). Essa visão devocional e mística do hassidismo ressoou no filósofo, que viu nela uma possibilidade de compreender e vivenciar relações autênticas e significativas.

“Uma das ideias centrais do hassidismo que Buber incorporou em seu pensamento é a importância do relacionamento interpessoal baseado no encontro autêntico e na proximidade emocional” (Zuben, 2003, p. 26). O hassidismo valoriza

a conexão íntima entre as pessoas e vê a relação entre o eu e o outro como uma oportunidade de encontrar o divino no outro. Segundo Daher e Pfeffer (2000, p. 8), “essa perspectiva se alinha com a filosofia buberiana do “Eu e Tu”, na qual o encontro autêntico, baseado na presença mútua e no reconhecimento do valor intrínseco do outro, é fundamental para uma existência plena e significativa”.

Dessa forma, pode-se dizer que Buber compreendeu o hassidismo como uma fonte de inspiração para a construção de relacionamentos autênticos e para a busca de uma dimensão espiritual na vida cotidiana. O filósofo acreditava que o hassidismo oferecia, segundo Daher e Pfeffer (2000, p. 8), “uma abordagem prática e concreta para vivenciar uma conexão genuína com o divino, não apenas através de rituais e práticas religiosas, mas também nas interações humanas”.

Assim, no pensamento buberiano, o hassidismo é visto como uma corrente espiritual e mística que destaca a importância do encontro autêntico, da proximidade emocional e da busca por uma conexão íntima com o divino. Esses elementos se entrelaçaram na filosofia buberiana e influenciaram sua compreensão da natureza das relações humanas e da busca por um sentido mais profundo na existência.

“Uma das influências do hassidismo no pensamento de Buber é a ideia de que a realidade é permeada pela presença divina” (Zuben, 2003, p. 46). Para os hassidim, o divino está presente em todos os aspectos da vida cotidiana, desde as atividades mais mundanas até as mais sagradas. Essa visão panenteísta da realidade, na qual o divino se manifesta em todas as coisas, ressoou em Buber, que via a importância de reconhecer e vivenciar a dimensão sagrada presente em cada momento e encontro (Cf. Daher; Pfeffer, 2008, p. 12).

Além disso, influenciou a compreensão de Buber sobre a espiritualidade como uma dimensão presente em todas as esferas da vida (Cf. Mekan, 2000, p. 39). Essa visão da espiritualidade como algo imanente, que permeia todas as experiências, moldou a compreensão de Buber sobre a vida cotidiana. “Uma vida nova, transfigurado na simples e cotidiana de cada um para lhe proporcionar uma nova luz” (Zuben, 2003, p. 35). A vida cotidiana pode ser repleta de significado e transcendência, desde que o ser humano esteja aberto para perceber e vivenciar essa dimensão.

Em suma, o hassidismo influenciou a compreensão de Martin Buber sobre a natureza da realidade, a importância da ação ética e a visão da espiritualidade como algo presente em todas as esferas da vida. Essas influências se entrelaçaram com sua filosofia e enriqueceram sua visão do encontro autêntico, do diálogo e da busca por uma existência plena de significado e conexão com o divino.

INFLUÊNCIAS DO HASSIDISMO NO PENSAMENTO BUBERIANO

Martin Buber baseou-se em diversas fontes e pensadores para falar sobre o hassidismo em seu trabalho. “Alguns dos pensadores que influenciaram sua compreensão e abordagem do hassidismo são: Baal Shem Tov, Nachman de Beslov e Gershom Scholem” (Meca, 2000, p. 65).

Considerado o fundador do hassidismo, Baal Shem Tov teve uma influência significativa sobre Buber. “Foi um líder hassídico carismático que enfatizava a conexão íntima com o divino e a importância do encontro autêntico com as pessoas” (Meca, 2000, p. 67). Buber recorreu às histórias e ensinamentos do Baal Shem Tov para ilustrar conceitos e ideias em seu trabalho.

Outro importante líder hassídico, Nachman de Breslov foi uma influência significativa para Buber. Esse líder enfatizava a importância do serviço a Deus com alegria e a busca pela verdade pessoal (Cf. Meca, 2000, p. 70). Buber citou e explorou os ensinamentos de Nachman de Breslov em seu trabalho, especialmente em relação à busca espiritual e à conexão pessoal com o divino.

Embora não seja um pensador hassídico em si, Gershom Scholem foi um influente estudioso do misticismo judaico, incluindo o hassidismo. Buber teve contato com o trabalho de Scholem, que o ajudou a aprofundar sua compreensão do hassidismo e sua contextualização dentro do panorama mais amplo do pensamento judaico e místico (Cf. Meca, 2000, p. 78).

Além destes pensadores influentes, Buber mergulhou em textos e histórias hassídicas autênticas para explorar os ensinamentos e as tradições do movimento. O filósofo estudou coleções de histórias hassídicas, como *“Legends of the Hasidim”*, que contém contos e ensinamentos de vários mestres hassídicos (Cf. Meca, 2000, p. 80).

Portanto, percebe-se que seu pensamento incorporou o hassidismo. Nesta apropriação, sua filosofia passou a apresentar uma compreensão abrangente desse movimento espiritual e místico, dentro do contexto do judaísmo.

Além do hassidismo influente em seu pensamento, Buber divergiu com algumas concepções filosóficas consideradas canônicas na história da filosofia. Esse movimento de descontentamento, fez emergir seu modo de pensar único.

DIVERGÊNCIAS FILOSÓFICAS

A crítica de Martin Buber em relação a outras filosofias é um tema de considerável interesse e debate (Cf. Rieg, 2008, p. 20). Buber abordou e questionou várias correntes filosóficas, ao longo de sua obra, ofereceu perspectivas únicas e críticas fundamentadas. Uma das críticas centrais de Buber é direcionada à filosofia

idealista, particularmente ao pensamento de filósofos como Immanuel Kant e Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Por certo, Buber argumentou que esses sistemas filosóficos tendiam a retificar e objetivar a realidade, negligenciando a dimensão essencial das relações interpessoais (Cf. Buber, 1946, p. 15). O filósofo acreditava que a filosofia idealista, ao focar exclusivamente na subjetividade individual ou na totalidade abstrata, falhava em reconhecer a importância do encontro autêntico e da relação entre pessoas (Cf. Rieg, 2008, p. 25).

Pero para nada se ocupa de qué sea el hombre ni toca seriamente ninguno de los problemas que esa cuestión trae consigo: el lugar especial que al hombre corresponde en el cosmos, su relación con el destino y con el mundo de las cosas, su comprensión de sus congéneres, su existencia como ser que sabe que ha de morir, su actitud en todos los encuentros ordinarios y extraordinarios, con el misterio, que componen la trama de su vida⁴ (Buber, 1949, p. 13).

Quando se trata de pensar o homem, deve-se pensá-lo na sua *totalidade*, assim Buber compreende “parece como si Kant hubiera tenido reparos en plantear realmente la cuestión fundamental”⁵ (Cf. Buber, 1949, p. 14). Desta forma, Buber criticou a abordagem kantiana por sua ênfase na subjetividade individual e na separação entre sujeito e objeto.

O filósofo argumentava que Kant negligenciava a dimensão relacional e intersubjetiva da existência, reduzindo a realidade a meros objetos de percepção e análise (Cf. Buber, 1949, p. 16). Segundo Buber (2009, p. 18), “Kant exclui a relação verdadeira do campo do objeto, e, conseqüentemente, também o Tu, com o qual ela se realiza, embora esteja imanente à mesma esfera do objeto”.

Assim, a filosofia de Kant enfatizava a representação objetiva da realidade, desconsiderando a importância das relações interpessoais e do encontro autêntico. Essa perspectiva filosófica limitava a compreensão da existência humana e restringia a busca por sentido e plenitude. O filósofo desafiou essa visão, enfatizando a necessidade de reconhecer e valorizar a individualidade do outro, transcendendo a mera objetificação e instrumentalização (Cf. Rieg, 2008, p. 26).

Com relação a Hegel, Buber também ofereceu críticas importantes. Inicialmente questionou a perspectiva hegeliana, que tendia a retificar e objetificar a realidade em um sistema dialético abrangente (Cf. Zuben, 2003, p. 30). Conforme

4 “Mas de maneira alguma se ocupa de quem é o homem, nem toca seriamente em nenhum dos problemas que essa questão traz consigo: o lugar especial que o homem ocupa no cosmos, sua relação com o destino e com o mundo das coisas, sua compreensão de seus semelhantes, sua existência como um ser que sabe que deve morrer, sua atitude em todos os encontros ordinários e extraordinários, com o mistério, que compõem a trama de sua vida”. (Tradução nossa).

5 “Parece como se Kant tivesse tido reservas em realmente levantar a questão fundamental”. (tradução nossa).

Buber (1949, p. 18), “Hegel falhava em reconhecer a singularidade e a irrepitibilidade das relações interpessoais, reduzindo-as a momentos no processo dialético da história universal”.

Dessa maneira, Buber afirmava que Hegel não dava a devida importância ao encontro autêntico e à reciprocidade nas relações humanas (Cf. Rieg, 2008, p. 28). O filósofo argumentava que o filósofo alemão negligenciava a dimensão essencialmente relacional da existência, enfatizando a totalidade abstrata em detrimento da singularidade e da individualidade (Cf. Meca, 2000, p. 78). Em suas palavras, Buber (1949, p. 22) afirma, “Hegel não considera o fato de que cada momento único de uma relação entre pessoas é novo e irrepitível”.

A crítica de Buber a Kant e Hegel estava fundamentada em sua convicção de que a filosofia idealista reduzia a realidade à categorias abstratas e objetivas, desconsiderando a essencialidade das relações interpessoais e do encontro autêntico na busca por sentido. Segundo Buber (2014, p. 23), “a verdadeira compreensão e realização ocorrem no contexto do diálogo e da reciprocidade, que vão além das limitações impostas por essas abordagens filosóficas”.

Assim, Buber criticou as abordagens de Kant e Hegel por seu modo de objetificar e reduzir a realidade, ao limitar a importância do encontro autêntico e da relação interpessoal. Suas críticas ecoam a convicção de que a busca de sentido e plenitude requer o reconhecimento da individualidade do outro e a abertura para uma autêntica conexão interpessoal.

Comentadores e filósofos subsequentes reforçaram e expandiram essas críticas. O filósofo contemporâneo Richard Rorty (Cf. 1994, p. 24), analisou a crítica de Buber à tradição filosófica. O comentarista concordou com Buber e argumentou que a filosofia ocidental frequentemente enfatiza a representação objetiva da realidade em detrimento da importância das relações entre pessoas e da construção do significado através do diálogo e do encontro com o outro (Cf. Rorty, 1994, p. 29).

Além disso, Buber questionou perspectivas filosóficas, como o niilismo, que tratam da solidão e do isolamento do indivíduo e argumentou que elas subestimam a importância da relação com o outro na construção de um sentido para a existência (Cf. Meca, 2000, p. 55). Buber (1949, p. 34) acreditava que “a busca do significado e da plenitude deveria ocorrer no contexto do encontro interpessoal, em vez de ser reduzida à subjetividade isolada do indivíduo”.

O filósofo contemporâneo Irvin Yalom (Cf. 2021, p. 90) explorou a crítica de Buber ao existencialismo e destacou a importância da relação terapêutica e do diálogo interpessoal na busca de sentido e transformação pessoal. Buber enfatizou que a experiência do encontro autêntico com o outro é essencial para a cura e para a busca do sentido existencial (Cf. Yalom, 2021, p. 92).

O filósofo criticou a tendência cientificista da filosofia, que reduz a realidade a uma mera quantificação e objetificação (Cf. Silva, 2019, p. 13). Buber (1949, p. 35) argumentou que essa visão de mundo “ignora a dimensão essencialmente relacional da existência humana e do mundo natural”. O filósofo entendia a ciência como uma abordagem válida, mas limitada, para compreender a realidade, e defendeu a integração de uma perspectiva relacional (Cf. Rieg, 2008, p. 55).

Essa crítica à visão cientificista da realidade encontra ressonância nas obras de filósofos contemporâneos como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend. Tanto Kuhn quanto Feyerabend argumentaram que a ciência é uma construção social e que os paradigmas científicos não são meramente descobertas objetivas da realidade, mas sim, formas de interpretar e organizar o mundo (Cf. Leal, 2011, p. 33). Essas perspectivas ecoam a crítica de Buber à redução da realidade a uma visão unidimensional e objetificada.

Portanto, o filósofo proporcionou críticas valiosas a algumas correntes filosóficas, como o idealismo, o niilismo, o existencialismo e o cientificismo. E destacou a importância da dimensão relacional da existência humana ao apontar sua filosofia para a questão do encontro autêntico como fundamento para a pessoa humana.

INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS DE BUBER: KIERKEGAARD E FEUERBACH

A INFLUÊNCIA DE KIERKEGAARD

Na obra *Do diálogo e do Dialógico*, Buber (2014, p. 165) afirma que, “dos iniciadores, eu já tinha conhecido como estudante Feuerbach e Kierkegaard; sim e não a eles tinha-se tornado parte da minha existência”. O filósofo manifestou em sentido filosófico, um interesse originário pela filosofia desses pensadores. Especificamente, pelos princípios Eu-Tu e Eu-Isso e os fenômenos que se manifestam na esfera da relação entre os seres humanos.

A interrogação sobre a natureza da existência humana e da autenticidade, crucial tanto para Kierkegaard quanto para Buber, constitui o alicerce sobre o qual se erige o diálogo entre o Eu e o Tu. Kierkegaard, em sua reflexão sobre a individualidade, articulou a importância da subjetividade e da escolha pessoal, um prelúdio ao pensamento buberiano que ressalta a singularidade do encontro interpessoal (Cf. Da Ponte, 2011, p. 14).

Buber, influenciado por Kierkegaard, distingue duas formas de relação: Eu-Tu e Eu-Isso. Essa distinção ressoa com o conceito kierkegaardiano de autenticidade,

onde o Eu se abre para o Tu em um encontro genuíno, transcendendo as limitações do Eu-Isso, caracterizadas por relações objetificantes (Cf. Buber, 2006, p. 78).

O conceito de desespero em Kierkegaard, entendido como a doença mortal do eu que não se quer a si mesmo, encontra paralelos na relação Eu-Tu como caminho para a realização autêntica do ser. Esse encontro autêntico nega o desespero ao afirmar a possibilidade de uma relação genuína e recíproca (Cf. Da Ponte, 2011, p. 16). A filosofia de Buber não apenas ecoou a perspectiva kierkegaardiana da individualidade, mas ampliou este conceito ao situar o indivíduo em relação direta com o outro. Esse diálogo, fundamentado na presença mútua, oferece uma resposta ao problema do isolamento existencial destacado por Kierkegaard (Cf. Castro, 2019, p. 34).

Em “Eu e Tu”, Buber (2006, p. 36) argumenta que “a verdadeira vida é encontrada na relação”, uma visão que seria ininteligível sem o alicerce lançado por Kierkegaard sobre a individualidade e a relação autêntica com o outro. Kierkegaard e Buber estabelecem um *continuum*⁶ filosófico sobre a interação humana. A análise de Da Ponte (Cf. 2011, p. 17) sobre as semelhanças e diferenças entre Kierkegaard e Buber destaca como “ambos navegam na tensão entre o isolamento e a conexão”, apontando para a necessidade de transcender a alienação através da afirmação do outro.

A dialética buberiana do Eu-Tu, inspirada pela noção kierkegaardiana de autenticidade, rejeita uma interpretação reducionista do outro a categorias fixas. Esse movimento filosófico representa uma crítica profunda ao cientificismo, que tende a objetificar as relações humanas (Cf. Correa, 2019, p. 67). Quando Buber enfatiza a reciprocidade e a presença no encontro Eu-Tu, avança-se na trilha aberta por Kierkegaard, propondo uma forma de existir que reconhece e valoriza a singularidade de cada ser. Essa valorização encontra-se em oposição direta à despersonalização presente nas relações Eu-Isso (Cf. Guilherme; Becker, 2020, p. 17).

Destarte, a influência de Kierkegaard ao conceito de diálogo em Buber revela uma complexidade onde o encontro genuíno é visto como um ato de criação, um espaço onde o Eu e o Outro coexistem em uma dinâmica de constante renovação e descoberta mútua (Cf. Lima, 2011, p. 22). O compromisso ético com o outro, elemento central na filosofia de Buber, reflete a influência kierkegaardiana na consideração da responsabilidade individual como fundamental para a autenticidade e a construção de relações significativas (Cf. Luczinski; Ancona-Lopez, 2010, p. 44).

Quando Buber assimila influências de Kierkegaard, não meramente adota, mas transforma o conceito de autenticidade em uma fenomenologia do encontro, onde a presença do Tu é incondicional para a realização do Eu (Cf. Marcondes Filho, 2008, p. 68). Assim, Kierkegaard não apenas ilumina aspectos da condição

6 “Conjunto”. (tradução nossa).

humana, mas oferece uma perspectiva crítica sobre a modernidade, questionando suas promessas de autonomia em face da alienação e da fragmentação (Cf. Martins, 2010, p. 23).

Em suma, a influência de Kierkegaard no pensamento buberiano, transcende a esfera puramente filosófica, pois é convocada a reconsiderar a natureza do ser, do encontro e da existência compartilhada. Esta reflexão, enraizada na interação dinâmica entre o Eu e o Tu, continua a oferecer um contraponto vital à tendência de desumanização e objetificação na contemporaneidade.

A INFLUÊNCIA DE FEUERBACH

A crítica de Feuerbach à religião institucionalizada centrou-se na ideia de que a divindade é uma projeção das qualidades humanas e lançou luz sobre a busca de Martin Buber por uma relação mais direta e imanente entre o homem e o sagrado. Feuerbach (2013, p. 56) argumentou que “a essência da religião reside na essência humana”. Uma noção que Buber reinterpreta com a finalidade de estabelecer um diálogo genuíno entre o Eu e o Tu divino. Essa busca por uma conexão imanente reflete uma rejeição ao conceito tradicional de um Deus transcendente e inatingível, aproximando o divino da experiência humana cotidiana (Cf. Araújo, 2014, p. 12).

Buber (Cf. 2009, p. 78), explorou a dinâmica da relação Eu-Tu como um encontro autêntico, contrapondo-se à relação Eu-Isso, caracterizada pela objetificação. Essa distinção ecoa a crítica feuerbachiana ao antropomorfismo religioso, promovendo um entendimento da divindade não como uma entidade distante, mas como um parceiro dialógico presente na relação interpessoal (Cf. Chagas, 2018, p. 9). Buber propõe uma forma de religiosidade baseada na presença e no encontro direto, em oposição à adoração de projeções humanas (Cf. Buber, 2006, p. 89).

A influência de Feuerbach no pensamento de Buber é notável pelo fato de que ambos rejeitam a despersonalização do divino promovida por práticas religiosas institucionalizadas. Para Buber (2006, p. 87), assim como Feuerbach sugeriu antes dele, o “sagrado emerge da profundidade da relação interpessoal” onde o divino é reconhecido na face do outro. Esse reconhecimento transforma a natureza da fé, de uma crença em dogmas e rituais para uma experiência viva do sagrado no aqui e agora (Cf. Castro, 2019, p. 56).

Dessa maneira, a perspectiva filosófica de Feuerbach sobre a essência do cristianismo proporcionou a Buber uma crítica radical da religião que transcendia a negação ateísta e ofereceu um caminho para reconsiderar a relação com o divino. Buber se apropriou dessa crítica para formular uma visão em que Deus não é um objeto de fé distante, mas uma presença que se manifesta na relação direta e

imaneante com o outro, ressaltando a sacralidade da vida cotidiana e das relações humanas (Cf. Correa, 2019, p. 34).

Entretanto, Buber não nega a importância da transcendência ao discutir a relação entre humanidade e divindade, em vez disso, reconfigura a transcendência como algo que se realiza na imanência da relação Eu-Tu. Essa perspectiva é influenciada pela ideia feuerbachiana de que o divino reflete qualidades humanas, mas Buber avança e propõe que “a transcendência divina se revela no próprio ato do encontro genuíno entre os seres” (Cf. Guilherme; Becker, 2020, p. 26).

A contribuição de Feuerbach ao repensar a divindade, reside na sua capacidade de deslocar o foco da adoração de ídolos externos para o reconhecimento da divindade imaneante nas relações humanas. Buber, seguindo essa perspectiva, enfatizou que o sagrado se manifesta no encontro autêntico, uma ideia que desafia a concepção tradicional de Deus e propõe uma nova forma de vivenciar o religioso (Cf. Lima, 2011, p. 41). Ou seja, não apenas questionou a autoridade das instituições religiosas, mas também reafirmou a capacidade humana de encontrar o sagrado na relação direta com o outro ao adotar e adaptar a crítica feuerbachiana. Esse movimento marca uma ruptura significativa com concepções anteriores de divindade, colocando o encontro e a presença no centro da experiência religiosa (Cf. Luczinski; Ancona-Lopez, 2010, p. 32).

Por certo, compreende-se então, que a reinterpretação buberiana da crítica de Feuerbach à religião institucionalizada abre espaço para uma espiritualidade que valoriza a imanência sem descartar completamente a transcendência (Cf. Chagas, 2018, p. 11). Nesse contexto, a relação Eu-Tu emerge como um espaço sagrado, onde a presença divina é experimentada de forma dinâmica e pessoal, em contraste com a estática adoração de um Deus concebido à imagem e semelhança do homem (Cf. Marcondes Filho, 2008, p. 29).

Tal transformação na compreensão do divino, influenciada por Feuerbach, conduz Buber a enfatizar a responsabilidade ética inerente ao encontro Eu-Tu. A presença divina, nesse encontro, não é apenas uma questão de fé, mas um imperativo ético que convoca o indivíduo à ação e ao compromisso com o outro (Cf. Martins, 2010, p. 33). A interação entre humanidade e divindade, conforme reinterpretada por Buber sob a influência de Feuerbach, representa uma mudança paradigmática tanto na filosofia quanto na teologia e na prática religiosa.

Desta forma, Buber ofereceu uma alternativa vibrante à religiosidade dogmática, reafirmando o valor da presença, do encontro e da reciprocidade no coração da experiência religiosa, ao centralizar a relação interpessoal como *locus* da experiência do sagrado (Cf. Oliveira, 2017, p. 19).

A herança de Feuerbach, expandida por Buber, continua a inspirar reflexões sobre a possibilidade de uma espiritualidade enraizada na autenticidade das relações humanas, um legado que ressoa profundamente na busca contemporânea por significado e conexão (Cf. Santos Filho, 2019, p. 43). Portanto, a influência de Feuerbach no pensamento buberiano revitalizou a discussão sobre a natureza do sagrado e desafiou os limites tradicionais entre o humano e o divino, propondo uma compreensão mais integrada e vivencial da religiosidade.

CONCLUSÃO

Com base na discussão acima, é possível afirmar que Buber apresenta influências e divergências em seu pensamento, propriamente, a questão do hassidismo e de algumas correntes filosóficas. Longe de ser uma simples apropriação teórica, Buber demonstrou um domínio excepcional para, a partir das leituras clássicas, edificar seu pensamento e promover transgressões teóricas. Por conceber o hassidismo, sua filosofia passou a apresentar uma compreensão profunda deste movimento espiritual e místico. Ao divergir de certas correntes filosóficas, Buber proporcionou novas críticas filosóficas em relação a Kant e Hegel, e ao valer-se de Kierkegaard e Feuerbach reconsiderou o Eu-Tu, o encontro e a natureza do ser humano enquanto ser-de-relação e em-relação. Dessa forma, as leituras de Buber acabaram por oferecer um pensamento comprometido com o ser humano e suas relações para refletir o real, o mundo.

REFERÊNCIAS

BARTHOLLO, Roberto. *Você e Eu: Martin Buber*, Presença *Palavra*. Brasília: Editora Garamond Universitária, 2006.

BUBER, Martin. *¿Que es el hombre?.* Tradução de Eugenio Ímaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. 1. ed. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. 3. ed. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Campinas: Editora Verus, 2007.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

CARVALHO, José Maurício de. *Martin Buber, a Filosofia e Outros Escritos Sobre o Diálogo e a Intersubjetividade*. São Paulo: Editora FiloCzar, 2017.

CASTRO, Leandro Pereira de. *O Desafio de Tornar-se Pessoa: O Florescimento do Humano em Martin Buber*. São Paulo: Paulus, 2019. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Ebook-20-O-desafio-de-tornar-se-pessoa-o-florescimento-do-humano-em-Martin-Buber.pdf>, acessado em 23/03/2024.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. *A fundamentação subjetiva e social da religião em Ludwig Feuerbach e Karl Marx*. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/38434>, acessado em 22/03/2024.

CORREA, Marcos Campos. *Vida, Atualidade, Encontro: uma leitura da obra Eu e Tu de Martin Buber*. Orientação de Ferdinand Rohr. 2019. 120 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DAHER, G; PFEFFER, R. *O Hassidismo na visão de Martin Buber*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13962>, acessado em 10/02/2024.

DA PONTE, Carlos Roger Sales. *Individual and Person: Similarities and Differences between Kierkegaard and Rogers*. Revista do Nufen, v. 3, n. 2. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n2/a04>, acessado em 12/03/2024.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 4. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

GUILHERME, Alexandre Anselmo; BECKER, Caroline. *A importância de Buber para a educação: repensando as relações eu-tu e eu-isso*. Revista Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, 2020. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17189/2/A_importancia_de_Buber_para_a_educacao_repensando_as_relacoes_eu_tu_e_eu_isso.pdf, acessado em 25/04/2024.

LEAL, Halina Macedo. *Paul Feyerabend e as possibilidades racionais da ciência*. Curitiba: Editora CRV, 2011.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; ANCONA-LOPEZ, Marília. *A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica*. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 27, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kMmj5HLv6sm3hLjqJd9pDrK/?format=pdf&lang=pt.>, acessado em 10/03/2024.

MARCONDES FILHO, Ciro. *No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber*. Em Questão, Porto Alegre,

v. 14, n. 1, 2008. MARTINS, Jasson da Silva. *A Existência Intersubjetiva em Martin Buber*. Argumentos, n. 4, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3560/1/2010_Art_JSMartins.pdf, acessado em 12/02/2024.

MECA, Diogo Sanchez. *Martin Buber*. Espanha: Editora Herder, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo das Chagas. *Do diálogo na educação: diálogo em torno da filosofia de Martin Buber e a educação*. Orientação de Junot Cornélio. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/2362/1/Do%20di%C3%A1logo%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20%20di%C3%A1logo%20em%20torno%20da%20filosofia%20de%20Martin%20Buber%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>, acessado em 12/03/2024.

PARREIRA, Gizele Geralda. *Martin Buber e o sentido da educação*. Goiânia: IFG, 2016.

RIEG, Rubens. *A relação dialógica: a descoberta do Zwischen em Martin Buber*. Orientação de Urbano Zilles. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RORTY, Richard. *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Portugal: Editora Presença, 1994.

SILVA, Alexandre Matias. *A ética dialógica de Martin Buber no contexto da sociedade tecnológica*. Ensaios & Diálogos, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 9-22, jan./dez. 2019. Disponível em: <file:///home/chronos/u-95591975709e2ebb4cf3f561c0026f65ca08e1be/MyFiles/Downloads/605b7fa2411a529388ea436f.pdf>, acessado em 03/03/2024.

YALOM, Irvin. *Psicoterapia existencial*. 2. ed. Barcelona: Herder Editorial, 2021.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. *Martin Buber: Cumplicidade e Diálogo*. Caxias do Sul: Editora EDUSC, 2003.